

TNSC

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS



1 FEB 26

FESTAS ROMANAS DE RESPIGHI ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

**ARTES
PERFORMATIVAS**

Temporada 2025/2026

Centro Cultural de Belém

Grande Auditório

domingo, 17h00

+6

Duração aproximada: 55 min

Programa

Gian Francesco Malipiero (1882–1973) *Vivaldiana per orchestra* (1952)

I. *Adagio-Allegro*

II. *Andante (quasi adagio)*

III. *Allegro-Allegro molto*

Mario Castelnuovo-Tedesco (1895–1968) *Concerto para violino n.º 1 em Sol menor*, Op. 31, «Italiana»

I. *Allegro moderato e maestoso*

II. *Arioso*

III. *Vivo e impetuoso*

Ottorino Respighi (1879–1936) *Feste Romane, poema sinfonico per orchestra*

I. *Circenses (Moderato. Molto allegro)*

II. *Il Giubileo (Doloroso e stanco)*

III. *L'Ottobrata (Allegro gioioso)*

IV. *La Befana (Vivo)*

Violino **Domenico Nordio**

Direção Musical **Antonio Pirolli**

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Coprodução **Centro Cultural de Belém, OPART/Teatro Nacional de São Carlos**



APOIOS



PARCEIRO PARA
A COMUNICAÇÃO



Foto de capa: © DR

Este programa lança um olhar sobre a chamada «*generazione dell'Ottanta*» italiana, ou seja, o grupo de compositores nascidos em torno de 1880 e que, mais ou menos irmanados e seguindo embora vias diferentes, influências e modos de expressão, intentou, a partir de inícios do século XX, uma bem-sucedida renovação da música instrumental italiana, procurando quebrar o, até aí, incontestado domínio do melodrama lírico enquanto «*rosto*» da música italiana além-Alpes.

Filhos desta geração são, além dos autores em cartaz, nomes como Alfredo Casella (n. 1883), Ildebrando Pizzetti (n. 1880), Francesco Balilla Pratella (n. 1880) ou Vincenzo Tommasini (n. 1878). De todos, merecem menção particular Respighi e Casella: Respighi, por ter sido o primeiro a afirmar-se internacionalmente enquanto autor de música sinfónica, tornando-se no «*modelo*» a atingir pelos outros; Casella, pela sua faceta empreendedora e normativa, guiado pela vontade de trazer a música italiana para o plano das outras grandes nações musicais.

Dois fatores adicionais devem ser considerados na avaliação deste grupo: por um lado, a emergência das correntes neoclássicas na música europeia, nas quais estes autores se irão, todos em maior ou menor grau, inscrever; por outro, a realidade histórica do fascismo italiano (a partir de 1922), ou seja: o modo como os compositores lidaram com essa realidade e, reciprocamente, como essa realidade afetou compositores e criações.

MALIPIERO

Nascido no mesmo ano de Stravinsky (1882) e tendo-lhe sobrevivido ainda 28 meses, o veneziano Malipiero atravessou, como o russo, os muitos modernismos do século XX, mas o seu posicionamento foi bem menos camaleónico do que o do autor de *Petrushka*.

O seu olhar criativo cedo foi captado pela redescoberta da música antiga italiana, começando em Monteverdi (cuja *opera omnia* editou, a expensas suas, entre 1926 e 1942) e terminando no então esquecido Vivaldi, de cuja edição moderna da obra foi um dos artífices determinantes (trabalho sobre o Fundo Foà-Giordano: 1947-57). É, pois, enquadrada nesse magno projeto musicológico (um dos maiores do século XX) que se deverá entender *Vivaldiana*, terminada no final de outubro de 1952¹. Na nota introdutória que escreveu à obra, Malipiero escreve: «Fiz editar mais de uma centena de concertos de Antonio Vivaldi. Vanglorio-me de apenas ter sido um humilde copista, de tal modo os concertos vivaldianos são corretos, precisos e indiscutíveis. Nunca me deixei tentar por correções de natureza especulativa.»

A obra segue a estrutura em três andamentos consagrada por Vivaldi, se bem que a dimensão do *Adagio* introdutório ao primeiro *Allegro* quase nos faça pensar numa estrutura de *sonata da chiesa*. O material principal é proveniente de cinco concertos diferentes (para cordas e baixo-contínuo) de Vivaldi, que Malipiero editara nos anos imediatamente anteriores à composição. A estreia de *Vivaldiana* deu-se a 17 de abril de 1953, no Auditório da RAI de Turim, pela Orquestra da RAI, dirigida por Ernest Bour.

CASTELNUOVO-TEDESCO

Florentino de origem judaica, Mario Castelnuovo-Tedesco (1895–1968) estudou com Ildebrando Pizzetti e estabeleceu, ainda jovem, uma sólida amizade com Alfredo Casella. Muito prolífica, é sobretudo visitada a obra abundante que deixou para e com guitarra. O seu 1.º *Concerto para violino*, de 1924, tendo o subtítulo de *Italiano*, evidencia, logo aí, o propósito de estabelecer um elo com a tradição instrumental italiana do século XVIII. É ainda uma «raridade», face ao mais frequentado *Concerto n.º 2* (de 1931), dedicado a Jascha Heifetz².

A estreia deu-se em Roma, fez ontem um século, pela Orquestra do Augusteo dirigida por Bernardino Molinari, com Mario Corti como solista. Está dividido nos habituais três andamentos, tendo o primeiro a duração conjunta dos restantes. O *Allegro* inicial decorre quase inteiramente numa atmosfera serena e de certa solenidade/majestade, com o violino solista a ver privilegiado o seu lado lírico e luminoso, mesmo no decurso da longa cadenza que antecede a coda. O *Arioso* central tem algo de enigmático, indo buscar a um pote de influências: canção popular, toques hispânicos, toques *tangueros*, momentos orientalizantes, sendo a vocalidade e lirismo da linha solística os fatores coesivos. O lado popular «vira» dançante e rústico no vigoroso andamento final, com o violino a deixar o registo lírico pelo ágil e brincalhão. Destaque para um momento «noturno», de sabor francês, antes da breve *cadenza accompagnata*.

RESPIGHI

Natural de Bolonha, Respighi dedicou-se com igual esforço à ópera e à música instrumental, mas foi na verdade nesta – e, em particular, com o tríptico sinfónico dedicado a Roma³ – que obteve o maior sucesso e reconhecimento internacionais – até hoje. Orquestrador excecional, cultivou um idioma tardo-romântico alargado, com influências que combinam Strauss (e demais austro-germânicos coetâneos), os franceses (Debussy e Ravel) e Stravinsky.

Ao mesmo tempo que são um fresco sinfónico, as *Festas romanas* são um fresco pela história da Cidade Eterna: o primeiro número recua ao Império Romano e às perseguições dos cristãos; o segundo evoca uma peregrinação medieval a Roma em ano jubilar; o terceiro sai para os campos circundantes, assinalando uma festividade agrícola; e o quarto instala-se na Piazza Navona para a arquetípica festa da Befana (pelos Reis). Escusado será dizer que tais temáticas, bem como os cenários que lhes estão associados, forneceram a Respighi amplo campo para espraiair todo o seu génio orquestrador, incluindo «laivos» de Bruckner (no final do n.º 2), de Stravinsky (n.ºs 3 e 4) e até do Bartók expressionista (n.º 4).

Recuando à nossa introdução, não é difícil supor que uma obra com esta ligação ao idiossincrático histórico romano – combinando Império, Cristandade, vida rural e vivência urbana – encontrasse eco favorável junto do regime de Mussolini.

A estreia deu-se no Carnegie Hall, a 21 de fevereiro de 1929, por Arturo Toscanini (um notório antifascista), à frente da Filarmónica de Nova Iorque, e, 24 dias depois, em Roma (Augusteo), por B. Molinari.

Bernardo Mariano

Musicólogo

Notas

¹ Malipiero já escrevera uma *Cimarosiana* em 1921 e, no final da vida, escreveria ainda uma *Gabrieliana* (1971). Obras «-ianas» foram também deixadas por Casella (*Scarlattiana* e *Paganiniana*), Respighi (*Rossiniana*) e Dallapiccola (duas *Tartinianas*).

² A ajuda de Heifetz, a par da de Toscanini, seria decisiva para Castelnuovo-Tedesco conseguir emigrar para os EUA em 1939, após a entrada em vigor, no final de 1938, das leis raciais em Itália. Adotaria a cidadania americana em 1946.

³ Constituído por *Le fontane di Roma* (1916), *I pini di Roma* (1924) e *Feste romane* (1928).



©DR

DOMENICO NORDIO

Violino

Nascido em Veneza, em 1971, foi uma criança-prodígio (deu o seu primeiro recital com apenas 10 anos). Aos 16 anos, ganhou o concurso Viotti International Competition, em Vercelli, com o lendário Yehudi Menuhin como presidente do júri. Após ter obtido grande sucesso em diversos concursos, como o Thibaud Competition, em Paris, o Sigall, em Viña del Mar, e o Francescatti Competition, em Marselha, foi a edição de 1988 do Eurovision Grand Prix que lançou a sua carreira internacional. Já se apresentou em importantes palcos como o Carnegie Hall em Nova Iorque, o Salle Pleyel em Paris, o St. Petersburg Philharmonic, o Teatro alla Scala em Milão, o Barbican Center em Londres e o Suntory Hall em Tóquio, e com orquestras como a London Symphony, a Orquestra Nacional de França, a Academia de Santa Cecília em Roma, a Orquestra Nacional da RAI, a Orquestra da Suíça Romanda, a Orquestra Simón Bolívar de Caracas, a Orquestra Filarmónica Istanbul Borusan, a Orquestra Filarmónica Enescu e a SWR Orquestra Sinfónica de Estugarda, dirigido por Flor, Steinberg, Casadeus, Luisi, Lazarev e Aykal. Foi aluno de Corrado Romano e de Michèle Auclair. Atualmente, Domenico Nordio é um dos mais conceituados violinistas da sua geração.



©DR

ANTONIO PIROLLI

Direção Musical

Natural de Roma, licenciou-se em piano, composição, música coral e direção de orquestra na Academia de Santa Cecília. Aperfeiçoou-se com Zoltán Peskó, Vladimir Delman e Rudolf Barshai, tendo conseguido o terceiro Prémio no Concurso Arturo Toscanini de Parma. De 1995 a 2001, foi diretor musical no Teatro de Ópera de Ancara, ocupando, de 2001 a 2005, o mesmo cargo na Ópera Estatal de Istambul. Dos compromissos passados e mais recentes, destacam-se: *Lucia di Lammermoor* em Buenos Aires e Bari; *La Gioconda* em Santander; *Andrea Chénier* em Berlim e na Catânia; *Macbeth* em Lisboa; *Aida* em Copenhaga e Caracalla; *Il trovatore*, *Anna Bolena* e *Ernani* na Catânia; *Tosca* em Florença e Bari; *Turandot* em Copenhaga, Verona e Catânia; *Aroldo* em Bilbao; *Il barbiere di Siviglia* em Tóquio, Valência e Verona; *Carmen* em Copenhaga e Avenches; *Faust* em Tóquio e Santander; *Un ballo in maschera* em Salerno e Lisboa; *Madama Butterfly* em Ancona; *Medea* no circuito As.Li.Co.; *Norma* em Trapani e Spalato; *Attila* em Lecce e Roma; *Otello* em Lisboa; *Manon Lescaut* em Torre del Lago; *Nabucco* em Caracalla e Lisboa; *Rigoletto* em Tóquio; *Falstaff* em Xangai; e *La forza del destino* em Lisboa. Atualmente, é maestro titular da Orquestra Sinfónica Portuguesa.

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos e participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e a participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes.

No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros.

A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as *Sinfonias n.ºs 1, 3, 5 e 6* de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing Borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralhinho. No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008-2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirolli, seu maestro titular.

A Orquestra Sinfónica Portuguesa completou 30 anos de atividade em 2023.

Orquestra Sinfónica Portuguesa

FLAUTAS

Inês Pinto
Ana Baganha
Rui Matos

OBOÉS

Luís Perez
Luís Marques
Elizabeth Kicks

CLARINETES

Francisco Ribeiro
Cândida Oliveira
Joaquim Ribeiro
Jorge Trindade

FAGOTES

David Harrison
Roberto Erculiani
Joana Maia

TROMPAS

Paulo Guerreiro
Augusto Rodrigues
Laurent Rossi
Tracy Nabais

TROMPETES

Jorge Almeida
Pedro Monteiro
António Quítalo
Latchezar Goulev

TROMBONES

Hugo Assunção
Jarrett Butler
Joaquim Rocha

TUBA

Ilídio Massacote

TÍMPANOS

Elizabeth Davis

PERCUSSÃO

Pedro Araújo e Silva
Lídio Correia
Francisco Fernandes*
Daniel Pinheiro*
Marco Fernandes*
André Castro*
Rafael Louro*
Cristiano Rios *
João Braga Simões *

BANDOLIM

Gil Fesch*

PIANO

Joana David
Nuno Lopes

ÓRGÃO

Diogo Pombo*

I VIOLINOS

Alexis Hatch
Alexander Stewart
Leonid Bykov
Vicente Sobral
Margareta Sandros
Anabela Guerreiro
Iskrena Yordanova
Ewa Michalska
António Figueiredo
Luís Santos
Nicholas Cooke
Regina Stewart
Alexander Mladenov

II VIOLINOS

Paula Carneiro
Tomás Soares
Witold Dziuba
Maria Bykova
Inna Calori
Tomás Costa
Flávia Marques
Kamélia Dimitrova
Sara Cymbron
Katarina Majewska
David Ascensão

VIOLAS

Pedro Saglimbeni Muñoz
Cecile Pays
Vladimir Demirev
Isabel Pereira
Etelka Dudás
Maria Inês Monteiro
Sara Farinha*

VIOLONCELOS

Alexandre Alvarez
Hugo Paiva*
Luís Clode
João Matos
Emídio Coutinho
Diana Savova
Gueorgui Dimitrov

CONTRABAIXOS

Diogo Pereira
Duncan Fox
Anita Hinkova
Pedro Bettencourt
José Mira

OFF-STAGE:

TROMPETES

Pedro Gonçalves*
Davide Lopes*
Ricardo Vitorino *

* REFORÇOS

SUBSCREVA A NEWSLETTER CCB



GARANTA O SEU LUGAR NA PRIMEIRA FILA

ccb.pt/newsletter

© Bruno Simão

OPART – Organismo de Produção Artística, E.P.E

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente Conceição Amaral

Vogal Sofia Meneses

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

Diretor Artístico Pedro Amaral

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO CCB

Presidente Nuno Vassallo e Silva

Vogal Rita Romão

Vogal Rui Morais

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA



PARCEIRO DE IMAGEM



APOIO INSTITUCIONAL AO PROGRAMA
DE MEDIAÇÃO DE MÚSICA ERUDITA



PARCEIRO PARA A
SUSTENTABILIDADE



JÁ A SEGUIR

ORQUESTRAS

DAS KLAGENDE LIED DE MAHLER
ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA
E CORO DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

Direção Musical Graeme Jenkins

1 MAR

domingo, 17h00

Grande Auditório

+6

Conversa pré-concerto por **Alexandre Delgado**, 16h30

Coprodução Centro Cultural de Belém,
OPART/Teatro Nacional de São Carlos

Graeme Jenkins © DR



Uma Cidade. Um Museu. Tantos Palcos.

One City. One Museum. So many Stages.

Entrada gratuita Free admission

MAC/CCB

Museu de Arte Contemporânea MAC/CCB e Centro de Arquitetura

MAC/CCB Museum of Contemporary Art and Architecture Centre

30% desconto 30% discount

Espetáculos CCB CCB Performing Arts

Estacionamento Gratuito Free parking

Em visitas ao museu, espetáculos ou compras superiores a 20€

For museum visits, performances, or purchases over €20

Convite para um espetáculo Invitation to a performance

Inaugurações, Eventos e Visitas Exclusivas às Exposições

Exclusive Openings, Events and Visits to Exhibitions

Desconto Discount

Lojas e Restaurantes CCB

CCB Stores and Restaurants

Newsletters exclusivas

Exclusive Newsletters



Cartão CCB

Descubra as vantagens em ccb.pt/cartao

Discover the advantages at ccb.pt/cartao